

## FAST TRACK

Fast Track é um modelo operacional de atendimento utilizado para agilizar o atendimento de urgência de baixa complexidade. O objetivo para este grupo de pacientes é a realização rápida de atendimento por uma equipe clínica. O fast track opera com equipe dedicada em uma zona fisicamente separada, que pode consistir em cubículos e / ou salas de procedimentos. Este modelo de atenção é projetado para reduzir o tempo e duração da estadia esperando na ED para um grupo definido de pacientes, com benefícios potenciais que fluem para o resto da ED. A zona de fast track pode incluir equipes processuais designadas para tratar feridas simples e lesões musculoesqueléticas.

Serviços Fast Track podem ser gerenciados por enfermeiros, um médico e um enfermeiro, ou pode usar apenas os médicos em períodos de maior movimento. A área de fast track deve funcionar com recursos dedicados, sendo esses com a maior experiência possível, e dar alta para os pacientes em até 2 horas.

O perfil do paciente contemplado pelo fast-track é ambulatorial com condições não urgentes, de baixa complexidade que pode ser avaliado e tratados em um curto período de tempo, por exemplo: pequenas queimaduras, ferimentos leves, lesões músculo-esqueléticas, crianças com asma leve ou febre, condições otorrinolaringológicas menores, dentre outros.

Os pacientes devem ser avaliados e tratados no início da jornada por médicos com mais conhecimentos, habilidades e experiência, que possam gerir de forma independente o diagnóstico e tratamento adequado. O fast-track deve ser ativado em momentos de pico de demanda, e é recomendado para hospitais que apresentem grande volume de paciente nos perfil ESI 3,4 e 5.

Algumas das habilidades esperadas de uma equipe que atua em fast-track estão listadas abaixo:

- Habilidade de avaliação clínica avançada;
- Competências e formação reconhecida para iniciar de forma autônoma e implementar cuidados para apresentações de rotina.
- Habilidades e treinamento reconhecido na hora de interpretar testes de diagnóstico.
- Competências e formação reconhecida a prescrever medicamentos.
- Habilidades e treinamento reconhecido para tomar decisões de disposição.
- Capacidade de identificar potenciais resultados adversos e implementar estratégias proativas para minimizar os riscos.

Pelo menos um tomador de decisão clínica independente, que pode ser um médico experiente oficial (por exemplo, Especialista em Medicina de Emergência, CMO Senior, Senior secretário ou GP com experiência em medicina de emergência) ou um médico da enfermeira experiente. Um tomador de decisão clínica independente é capaz de tomar decisões sobre o diagnóstico, planos de tratamento e disposição sem a supervisão de outro médico